

.Como o senhor tem visto a situação fundiária no Acre, desde sua chegada até hoje?

A partir mais ou menos de 73, 74, a gente percebeu que as terras, os antigos seringais, eram todos comprados ou grilados por fazendeiros ou compradores de terra vindos do sul. Então, aconteceu um fato doloroso: muitos seringueiros foram forçados a abandonar suas colocações e se deslocarem para onde quisessem, de maneira especial, vinham para Rio Branco. Esses seringueiros não encontravam apoio algum de nenhuma autoridade - inclusive a polícia era sabidamente conivente com os compradores de terra... valia tudo. Praticamente toda a sociedade assistia, paciva, estes fatos, este fenômeno. A Igreja, sensível, principalmente na figura do padre Paulino e do padre Pacífico, começou a perceber a necessidade de tomar uma posição. Começou-se com um pequeno catecismo, chamado "Catecismo da Terra" - é a coisa mais simplesinha do mundo, com cinco perguntas e respostas, que era o direito da posse, feito em cima do Estatuto da Terra. Dava um mínimo de orientação para os seringueiros. Mesmo que não soubessem ler, eles pregavam o catecismo na parede e mostravam para aqueles que se diziam donos, que eles não sairiam porque a lei os protegia. Nesta linha nós fomos caminhando e apoiamos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que nasceu, eu diria, dentro da Igreja.

.O senhor disse que a sociedade assistiu passiva a expulsão dos seringueiros...

-Quem sofria eram só os seringueiros, porque o resto não sentia o problema. Inclusive um advogado, que naquela época foi consultado pelo ex-padre João Rocha, disse: "olha, o negócio é sério, mas não tem o que fazer, eles são muito mais fortes". Então já nem nos animava. E um governador, que ainda é vivo, me disse: "D.Moacyr, não adianta perder tempo com esse negócio de sindicato, o povo do Acre ainda não está preparado". Dias depois, tinha mais de tres mil seringueiros na Catedral, fundando o primeiro sindicato de Rio Branco -Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que na sua maioria eram seringueiros ou pequenos colonos da BR.

.Quando foi que os conflitos de terra tornaram-se mais agudos?

-Eu não tenho claro na mente, quando é que a coisa se tornou mais aguda, todo o período do Wanderley Dantas e o período do Mesquita (1). O Mesqui-

ta tomou algumas posições um pouquinho mais corajosas, pelo menos certos abusos da polícia foram coibidos -naquele período, entra a idéia de que problema de terra não deve ser tratado pela polícia. Foi um período de grandes conflitos, mas desembocaram todos eles, em desapropriações. Se de uma parte era um período duro, por outra, as desapropriações se davam com maior facilidade do que hoje, creio.

.Como é o seu relacionamento com as lideranças do movimento sindical?

-Toda liderança sindical mais comprometida com sua classe, desligada do governo, temos um relacionamento muito bom. Agora, as lideranças que hoje são consideradas frágeis ou apelegadas, há anos atrás foram boas lideranças e já tivemos em tempos passados uma história em comum. Esta história nos aproxima, permite uma convivência pacífica.

.Qual o papel da Diocese de Rio Branco, na formação das lideranças sindicais?

-Eu diria até que o sindicato nasceu das lideranças da Igreja. A maioria das primeiras lideranças; em todos os sindicatos do Estado, na parte da nossa Igreja, eram lideranças da Diocese: monitores e coordenadores que assumiam também o sindicato. É o que se verifica também hoje, muita gente de sindicato, inclusive dos mais autênticos, são todos ligados à Igreja.

.E a UNI. Como tem sido o relacionamento do bispo, com esta organização indígena?

-A UNI, os próprios índios e o pessoal ligado a eles, o relacionamento comigo é mais mediato. Como eu não conheço a língua e não me sinto muito seguro, o relacionamento com eles é mais mediante o CIMI (todos os que trabalham aqui são os meus contatos). Eu sempre apoio com um pronunciamento, encontro com autoridades, algumas vezes estive em aldeias. O meu relacionamento com os índios é menos direto do que com os trabalhadores rurais.

.E com o Conselho Nacional de Seringueiros?

-Eu participei de algumas assembleias, inclusive onde indicaram os responsáveis. Acompanhei com carinho; mas quem sempre esteve mais próximo; foi o pessoal ligado à CPT; que me informava, dizia as finalidades. O meu relacionamento com as lideranças, ajudou-me no acompanhamento. O Raimundão;

o Osmarino, o Chico Mendes, eram todas pessoas que faziam parte desta história longa; desde a minha chegada aqui -estes tres são pessoas que eu conheço há muitos anos. Principalmente o Raimundão; que era liderança da Igreja. Já o Chico acompanhava, participava e apoiava, mas não era liderança da Igreja.

.Como era o relacionamento pessoal do bispo com Chico Mendes?

-Foi sempre muito simples e fraterno. Tivemos um momento de dificuldade; porque ele deu uma entrevista nos jornais, criticando a Igreja, que estava dividindo as lideranças populares. Eu respondi também no jornal, dizendo que ele estava se equivocando; que não era por ali. Depois ele escreveu-me uma carta explicando. Aí o relacionamento voltou novamente ao normal.

.Chico Mendes e seus companheiros tem a proposta de reservas extrativistas; de preservação da Amazônia. O senhor se identifica com esta proposta?

-Foi uma proposta que eles me fizeram conhecer e me fizeram perceber da sua importância. Hoje eu considero que essa luta foi uma aquisição para a Amazônia e é uma das saídas para a região. Isto porque se propõe a um tipo de vida na floresta, que mantém a floresta e suas riquezas. O Chico, principalmente, trouxe uma grande contribuição, que é a possibilidade de aliança entre índios e seringueiros, que eram inimigos tradicionais: onde chegou o seringueiro, acabava o índio. Hoje, esta proposta que foi levada a frente por Chico e seus companheiros, aparece como uma alternativa, como uma saída positiva.

.Quer dizer que no início o senhor não via o futuro da Amazônia por este caminho?

-Eu não sou um homem da Amazônia. Eu não tenho tradição de seringueiro e nem de índio. Então eu não captava. Eu sempre me identificava com a luta para eles permanecerem na terra. Agora, manter esta terra com a mata e a seringa; para mim não era fácil entender. Mas eu lentamente fui percebendo, e hoje, num contexto maior; eu percebo que é por aí que tem que ir: a não destruição; mas a criação de reservas; a regionalização das diversas áreas da Amazônia, um estudo aprofundado da natureza da Amazônia, de seu solo, de suas riquezas, etc.

.O senhor tem recebido ameaças. Quem poderia estar ameaçando?

-Nas outras vezes que eu recebi ameaças e fui informado de que queriam me eliminar, então eram fazendeiros, em alguns períodos eram pessoas ligadas à polícia e ao esquadrão da morte, outras vezes foram os compradores de terras que abusavam dos direitos de índios e colonos, explorando-os. Foi destes tres setores que eu já recebi ameaças. E há alguns anos mais atrás, recebi ameaças do pessoal ligado à repressão.

.As ameaças recebidas depois do assassinato de Chico Mendes, estão relacionadas com o apoio que o senhor tem dado ao Conselho Nacional de Seringueiros?

-Este aspecto de apoiar a reserva extrativista ou a organização dos seringueiros, é um aspecto. Eu creio que essas ameaças ou esse tipo de informação (de que eu corria risco); é ligado não só ao fato concreto dessa proposta do Chico e seus companheiros, mas é mais amplo; é a Igreja. Eu como bispo dessa Igreja; incomodo certos tipos de propostas de fazendeiros; de governo. Devemos colocar as ameaças neste contexto mais amplo.

.Houve alguma atitude pessoal do bispo D.Moacyr, que poderia ter incomodado, explicando estas ameaças?

-Eu ponho neste contexto amplo: apoio à organização popular, a luta para se manter nas terras, o direito dos índios, a luta contra a violência. É difícil determinar um aspecto concreto que teria levado a isto. Estas ameaças são já de muito tempo, as vezes elas se tornam mais agudas; são expressas publicamente e outras vezes não. Eu ponho as ameaças neste contexto de compromisso da Igreja.

.A atuação do "Povo de Deus na Diocese de Rio Branco", seguindo as linhas de ação da Diocese, incomodam?

-É indiscutível que me atingir, seria uma forma de atingir a Igreja. Um bom número deles acha que nossa Igreja, é uma Igreja voltada para a política, que se desvia daquilo que seria a natureza da própria Igreja e sua missão. O que incomoda não sou só eu, são os nossos monitores, são os nossos grupos, esta nossa proposta que nós temos de unir fé e vida. Isso incomoda lá em Assis Brasil, incomoda em Sena Madureira, incomoda em todo o canto. Eles percebem então que é uma linha comum de toda a Igreja. São os padres são os religiosos, são os monitores e percebem que o bispo apoia. O que

.Qual a relação das ameaças com a situação fundiária do Acre?

-O Acre tem 15 milhões de hectares, 8 milhões estão nas mãos de 10 famílias. Isto se repete nas mesmas proporções no Amazonas, Pará. Está na raiz da maioria dos conflitos no Brasil, essa concentração escandalosa. Dentro deste contexto, todos aqueles que propõem uma mudança e tem uma prática concreta que atinge o povo -que acaba acordando e querendo trabalhar nesta mudança- estão ou correm o risco de serem ameaçados.

.Diante desta realidade de violência e ameaças, o que muda nas linhas de ação da Diocese?

-Eu acho que vai dar continuidade aquilo que se vem fazendo. A posição da Igreja é clara. Os setores da Diocese estão trabalhando, e eu acredito que respondendo aos desafios atuais, como o CIMI e a CPT. Vamos buscar como é que o Centro de Defesa de Direitos Humanos, poderia melhor atender a essas necessidades que estão surgindo. Mas ruptura não teremos, vai haver continuidade.

.O Bispo não pensa em re-orientar a atuação dos monitores, vigários e religiosos? Quer dizer que não muda nada?

-Não penso que sejam mudanças muito diferentes daquilo que seria a caminhada ordinária. Talvez se acentue, mas não é só por essa circunstância, mas pelo conjunto da caminhada da Igreja e da Igreja do Brasil. Vamos acentuar a formação política, e acompanhamento de lideranças políticas que já foram eleitas -pois é por aí que passa a transformação do Acre e do Brasil, no seu conjunto.

~~Existem situações que são necessárias para a mudança?~~

→ É necessário que haja vontade política eficaz e essa vontade virá quando alcançarem o poder; pessoas identificadas com o povo e com suas aspirações. Então uma certa intensificação do trabalho da Diocese, nessa direção, deverá acontecer.

.D. Moacyr, a situação tem sido de mortes, grilagem de terras, expansão do latifúndio, impunidade, não apuração dos crimes. Com tudo isto, será que a gente ainda pode ter esperanças?

